



TOUCHEZ PAS AU GRISBY **O ÚLTIMO GOLPE**

*Nova Cópia Digital Restaurada
Um filme de Jacques Becker

Sinopse

Depois de desistir da sua vida de gangster, Max está ansioso por passar o resto dos seus dias com a sua bela e jovem namorada. Mas quando Riton, o seu melhor amigo e parceiro no crime, deixa escapar os secretos planos de Max e estes chegam a Josy, Max vê-se forçado a regressar ao submundo do crime.

Actores

Jean Gabin, René Dary, Vittorio Sanipoli, Gaby Basset, Paul Barge, Alain Bouvette, Daniel Cauchy, Denise Clair, Angelo Dessy

Equipa Técnica

Realização — Jacques Becker

Argumento — Jacques Becker, Albert Simonin, Maurice Griffe, baseado num romance de Albert Simonin

Director de Fotografia — Pierre Montazel

Montagem — Marguerite Renoir

Música — Jean Wiener

Produção — Del Duca Films e Antares Produzione

Cinematografic

Produtor — Robert Dorfmann

Características Técnicas

Ano de Produção: 1954

País: França

Duração: 94 min

Classificação: M/12

Jacques Becker — Já vos falei do comentário de Jean Wiener a propósito de Grisby? "É a majestade na canalhice."

(Jacques Becker em entrevista a François Truffaut e Jacques Rivette *Cahiers du Cinéma*, Fev. 1954)

Cahiers du Cinéma — E o que pensa desta outra etiqueta: 'cineasta social'?

Jacques Becker — Acho que mesmo assim tem algo de verdadeiro. Foi um erro julgar-se cruamente que eu tinha procurado a todo o custo ser "social". Essa impressão vem do facto de, nos meus filmes, geralmente nos interessarmos de perto pelos personagens. Talvez seja o meu lado um pouco entomologista: as coisas passam-se em França, eu sou francês, trabalho sobre franceses observo franceses, interesse-me por franceses. Mas interesse-me pelos personagens por um certo número de lados que não são apenas os indispensáveis por se compreender a acção. Mas o Max o Mentiroso, por exemplo, em *Le Grisby*, é um senhor que também gosta de discos e de música, e sentimos que deve gostar de carros. Porque as pessoas são assim, no fundo, não acham?

[...]

CC — Está bastante ligado a Bresson...

JB — É o realizador francês — com Cocteau — que tem mais gosto; nunca se engana no seu domínio estético. Aliás, é um esteta, mas está tão à vontade no seu estilo que esse estilo nunca parece "estético": emprego esta palavra pejorativamente. — Sim, Cocteau tem talento e inteligência de sobra. O seu génio está nisso; o cinema parece que nunca se habitua.

Jacques Becker em entrevista a François Truffaut e Jacques Rivette, *ibid.*

O Último Golpe

Não circula, a respeito de Jacques Becker, nenhuma teoria, nenhuma análise sábia, nenhuma tese. A sua obra e a sua pessoa desencorajam o exegeta, e ainda bem. Becker, de facto, não pretende desmistificar nem mitificar ninguém: os seus filmes não são constatações nem denúncias; o nosso autor trabalha, pois, à margem das modas, e poderemos situá-lo nos antípodas de todas as tendências do cinema francês.

Todos os filmes de Jacques Becker são filmes de Jacques Becker; é uma mera nota, mas uma nota importante. Se admitirmos comumente que é preferível ser autor dos filmes que se realizam, as razões que avançaremos serão banais, mas nem por isso se deixa de votar às equipas e ao trabalho colectivo uma admiração – na minha acepção – gratuita. O facto de Renoir, Bresson, Cocteau e Becker participarem na elaboração do guião e assinarem os diálogos não lhes confere apenas um grande à-vontade no estúdio, mas, de forma mais radical, permite-lhes evitar cenas e deixas típicas dos argumentistas, a favor de cenas e deixas que um argumentista seria incapaz de conceber. São necessários exemplos? A cena de *Eduardo e Carolina*, em que Elina Labourdette actua com uns olhos melosos, precisaria, para ser *filmável*, de ter sido primeiro testemunhada em vida e, depois, de ter sido *pensada* pelo realizador enquanto tal. Não sei se esta cena se deve a Annette Wademant ou a Jacques Becker; o que sei é que qualquer outro realizador a teria subtraído, pois não faz a acção avançar um centímetro que seja. Inclui-se sobretudo, ao que parece, para dar um toque, não de realismo, mas de realidade. Inclui-se por amor à dificuldade.

Esta busca por uma adequação de tom sempre maior encontra-se sobretudo assinalada nos diálogos. Em *Aquela Loira*, Raymond (Bussières) entra na marcenaria de Manda (Reggiani) dizendo-lhe: «Então, trabalhinho trabalhinho, lixar lixar?» Não só esta deixa nunca seria a de um argumentista como é daquelas que só se inventam em estúdio. Todavia, há nesse «então, trabalhinho trabalhinho, lixar lixar?» uma *inteligência* (em sentido cúmplice: inteligência com o amigo) que me deixa confuso a cada visionamento.

O que caracteriza Becker não é tanto a escolha do tema, mas o tratamento desse tema, a escolha das cenas que irão ilustrá-lo. Quando, dos diálogos, conserva apenas o essencial ou o essencial do supérfluo (por vezes até onomatopeias), opta só por escamotear o que qualquer outro escolheria tratar com o maior dos cuidados, preferindo demorar-se nas personagens a tomarem o pequeno-almoço, a barrarem as torradas, a escovarem os dentes, etc. Manda a convenção que os amantes no ecrã se abracem apenas em fundido encadeado; quando, num filme francês, se mostra um casal a despir-se, a circular pelo quarto em camisa de noite, é apenas para escárnio. Poder-se-ia pensar que estas regras tácitas são ditadas por uma questão de elegância. E o que faz Becker num caso semelhante? O gosto, que já referi, pela dificuldade leva-o a tratar esta cena ao contrário das regras. Em *Aquela Loira*, mostra-nos Reggiani e Simone Signoret em camisa de noite; em *O Último Golpe*, aparecem-nos de pijama.

Este género de trabalho é um permanente desafio à vulgaridade, desafio do qual Becker sai sempre vencedor, porque os seus filmes são elegantes e dignos.

O que acontece às personagens conta menos do que a maneira como isso lhes acontece. A intriga, que não passa já de um pretexto, tende a minguar de filme para filme: *Eduardo e Carolina* é a mera história de um serão mundano cujos acessórios são um telefone e um colete de *smoking*. *O Último Golpe* narra apenas o tráfico forçado de 96 quilos de ouro; «O que me interessa, antes de mais nada, são as personagens», diz-nos Becker. Assim, o verdadeiro tema de *O Último Golpe* é o envelhecimento e a amizade. Este tema aparecia no livro de Simonin, mas poucos argumentistas saberiam tê-lo vislumbrado e trazido para primeiro plano, remetendo para segundo a acção violenta e o carácter pitoresco. Simonin tem 49 anos, Becker 48, *O Último Golpe* é um filme sobre cinquentenários. No final do filme, Max – tal como Becker – põe os óculos para ler.

A beleza das personagens de *O Último Golpe*, mais ainda do que as de *Aquela Loira*, provém do seu mutismo, da economia, dos seus gestos; não falam, não agem, senão para dizer e fazer o essencial; tal como o Sr. Teste, Becker mata-lhes a marioneta. Destes assassinos não sobram senão gandulos frente a frente. Aos meus olhos, *O Último Golpe* é uma espécie de ajuste de contas entre gatarrões – mas dos de luxo –, cansados e, se me atrevo a dizer, minados.

Para nós, que temos vinte anos ou pouco mais, o exemplo de Becker é um ensinamento e, ao mesmo tempo, um encorajamento. De Renoir, só conhecemos o génio; descobrimos o cinema quando Becker se iniciou; assistimos ao seu tacteamento, aos seus ensaios: vimos uma obra a *fazer-se*. E o sucesso de Jacques Becker é o de um jovem que não concebia uma via diferente daquela que ele escolheu e cujo amor que nutria pelo cinema foi retribuído.

1954

Os Filmes da Minha Vida, de François Truffaut
(editora Orfeu Negro, Lisboa; trad. Luís Lima)